

O TURISMO ADAPTADO PARA CADEIRANTES

1. Introdução
2. Dados estatísticos
3. Normas técnicas para adaptação
4. Tours de treinamento da Marc-Apoio: comentários sobre a acessibilidade dos roteiros
5. Entrevista com cadeirantes sobre o turismo adaptado
6. Roteiro turístico para cadeirantes no centro do Rio de Janeiro
7. Conclusão
8. Fontes
9. Créditos

1. Introdução

Histórico

Dos tempos da Antiguidade Clássica, onde não eram considerados cidadãos, até os dias de hoje, as pessoas portadoras de deficiência obtiveram várias conquistas. Na verdade, pouco restou daquela época onde suas condições eram vistas como sub-humanas, o que à população da época justificava o abandono e mesmo, no caso de Esparta, a sua eliminação. A evolução do ser humano como sociedade proporcionou uma nova forma de ver essas pessoas, considerando principalmente os laços afetivos de família e amizade com elas. A Humanidade passou a enxergar as habilidades que elas possuem, diminuindo consideravelmente o preconceito.

Até meados da década de 80, a sociedade em geral não costumava conviver diretamente com pessoas portadoras de deficiência (doravante referidas como PPD's), devido à filosofia de tratamento ser assistencialista, que as "isolava" em escolas especializadas, aumentando assim a exclusão social. Esse quadro começou a mudar com a aprovação da Lei Federal N° 7.853 de 24 de outubro de 1989, que promove a inclusão do PPD's em qualquer instituição pública de ensino, capacitando seus respectivos educadores para tal. Na prática, só recentemente esta lei está passando a ser realmente cumprida.

Os avanços da Ciência proporcionaram também uma nova perspectiva de vida para alguns tipos de PPD's. Seja na criação de novos medicamentos ou na adaptação de veículos para cadeirantes em geral, todas essas ações promovem a longevidade e a ressocialização destes que outrora viviam isolados e ocultos em seus quartos. Para não ser esquecida a sua causa, no dia 11 de outubro é comemorado o Dia Nacional das Pessoas Portadoras de Deficiência Física e no dia 3 de dezembro é comemorada a mesma data em âmbito internacional.

O Paradesporto

No ritmo dessa evolução, surgiu então o **paradesporto**, que são atividades esportivas devidamente adaptadas à vários níveis de deficiência. Essa idéia surgiu no período do Pós-Guerra, quando ingleses veteranos da Segunda Guerra Mundial que possuíam lesão na medula óssea se juntaram para praticar esportes adaptados. Na década de 50 então, juntaram-se a outros que também praticavam esportes adaptados na Holanda e criaram uma competição internacional. Anos mais tarde decidiram criar uma

competição aos moldes das Olimpíadas da era moderna, e em Roma, no ano de 1960, foram realizados os primeiros jogos, que ficaram conhecidos como Jogos Paraolímpicos. Desde então os jogos passaram a ser realizados de quatro em quatro anos e a partir de 1988, estes passaram a ser realizados na mesma sede dos Jogos Olímpicos. A versão Pan-Americana desses jogos, conhecida como Jogos Parapan-americanos, surgiu modestamente em 1967 em Winnipeg (Canadá), mas tomou forma e organização tal como o jogos Pan-Americanos somente em 1999, na cidade do México. A partir de 2007 os Jogos Parapan-americanos passarão a ser realizados na mesma cidade dos Jogos Pan-americanos, no caso, o Rio de Janeiro.

O termo “Cadeirante”

Talvez por ser recente, o termo “Cadeirante” ainda não figura nos dicionários de língua portuguesa Aurélio e Houaiss*. Segundo alguns fóruns de discussão de temas sobre Deficiência, a palavra “cadeirante” foi um termo criado e escolhido pelos próprios usuários de cadeira de rodas para se autodefinirem. Porém, vale ressaltar que este termo é apenas aceito num contexto coloquial.

Cadeirante compreende então, toda e qualquer pessoa que precise fazer uso, temporário ou não, de uma cadeira de rodas para locomover-se.

O Turismo Adaptado

Seguindo a tendência de ressocialização das PPD's, uma grande tendência mundial é o Turismo Adaptado.

Baseando-se na evolução dos serviços especializados e adaptação das instalações urbanas para cadeirantes e PPD's em geral, o Turismo Adaptado visa um nicho de mercado que é bastante inexplorado, apesar de um potencial econômico bastante favorável em alguns casos, e a avidez dessa parcela da sociedade por atividades que o façam se sentirem reintegrados ao meio. Em muitos países da Europa e nos Estados Unidos da América, essa forma de turismo já é uma realidade, mobilizando milhares de profissionais de Turismo e movimentando consideráveis somas de dinheiro anualmente.

No Brasil, essa atividade ainda é recente, sendo necessária para sua implementação uma série de medidas de caráter infra-estrutural aliada à uma real transformação de ordem física no mobiliário urbano, transportes e estabelecimentos públicos e particulares, incluindo nisso edificações residenciais, culturais e comerciais.

* = apenas neste dicionário há uma real locução definindo o que é “cadeira de rodas”: “cadeira montada sobre rodas usada por indivíduos com dificuldade de locomoção [Pode ser movida manual ou eletronicamente pelo ocupante ou empurrada por alguém.]”.

2. Dados estatísticos

Segundo a ONU, há cerca de 500 milhões de deficientes no mundo e 80% deles vivem em países em desenvolvimento. Abaixo veremos dados mais específicos:

2.1 – Quanto à condição da Pessoa Portadora de Deficiência no Brasil

O IBGE realiza a cada dez anos um Censo Demográfico, com o objetivo de conhecer as características do povo brasileiro. No caso do Censo de 2000, uma novidade foi acrescentada na pesquisa: foi a primeira vez na história do censo que se pesquisou sobre pessoas portadoras de deficiência, objetivando saber os graus de severidade da incapacidade e não somente se a pessoa possui uma deficiência ou não.

Segundo este Censo, 14,5% da população do Brasil declarou que possui algum tipo de deficiência, o que em números resulta em algo em torno de 24,6 milhões de brasileiros. A região com maior proporção de deficientes é o Nordeste (com 16,8 %) e a com menor número é o Sudeste (com 13,1%). Desse total, cerca de 80% vive na zona urbana e 61,48% de sua renda é proveniente de seu próprio trabalho.

Em relação à idade, 35% (ou 8,6 milhões) do total são pessoas entre 40 e 60 anos, portanto, em idade ativa. Em proporção, o índice vai aumentando de acordo com a idade, chegando a atingir 70% dos brasileiros com 80 anos ou mais.

A expectativa de vida do brasileiro ao nascer está perto dos 70 anos, mas apenas 54 deles serão vividos sem qualquer tipo de incapacidade. Ou seja, nos últimos 14,6 anos de vida o brasileiro terá de conviver com algum tipo de deficiência física ou mental. O cálculo foi feito para chegar ao índice internacional chamado Esperança de Vida ao Nascimento Livre de Incapacidade (DFLE).

A cada mês, cerca de 10 mil pessoas adquirem algum tipo de deficiência, provocadas basicamente por acidentes com armas de fogo e seqüelas de acidentes de automóvel. Destes, 20% são da classe A.

2.2 – Quanto à condição da Pessoa Portadora de Deficiência no Mundo

Europa:

-Segundo a OSSATE (One-Stop-Shop for the Accessibility of the Tourist in Europe):

- 18% da população total do continente (cerca de 127 milhões de pessoas) possuem uma real necessidade por mobiliário adaptado.
- Dentre esses, 70% (89 milhões) compreendem o mercado potencial de turismo na região.

- Segundo a Neumann Consult(Alemanha):

- 54,3% (ou 3,64 milhões) das pessoas com alguma severa restrição de mobilidade e atividade viajam a cada ano.

-3% o Brasil (que ficou na posição de número 27 de um ranking de destinos de 37 países).

- 7% (mais de 2 milhões) destes gastam consideravelmente em viagens internacionais.
- O típico turista gastou em média US\$1.600 em sua viagem, o que se reflete em US\$7 bilhões em 2 anos.
- O perfil do turista freqüente:
 - tem receita anual de US\$35.000
 - possui mais de 50 anos
 - possui alguma graduação
 - é casado
- 60% destes alegam que encontraram obstáculos enquanto hospedados em um hotel. 48% destes obstáculos, de natureza física.

2.2 – Conclusão

Fora do Brasil já se encontra estabelecido o negócio do turismo para PPD's, com uma movimentação financeira bastante considerável e em franca expansão. No Brasil, o aumento da população deficiente empregada e o crescimento do nível escolar dos mesmos promoverá o surgimento de um novo mercado, sem as limitações de acesso do passado e bastante exigentes em relação aos produtos e serviços de turismo oferecidos.

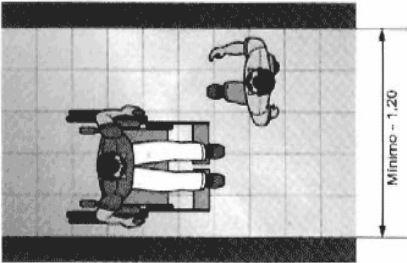
3. Normas técnicas para adaptação

Para um local ser considerado adaptado a um cadeirante, este precisa seguir algumas normas técnicas, permitindo assim o acesso universal de toda e qualquer cadeira de rodas, independente do modelo e tamanho da mesma. Abaixo, algumas normas e conceitos básicos para o que se refere à circulação e o alcance de um cadeirante, que podem servir de referencia para a adaptação mínima de um estabelecimento:

Superfície - As áreas de circulação devem ter superfície regular, firme, estável e antiderrapante, sob qualquer condição climática, admitindo-se inclinação transversal da superfície de até 2%.

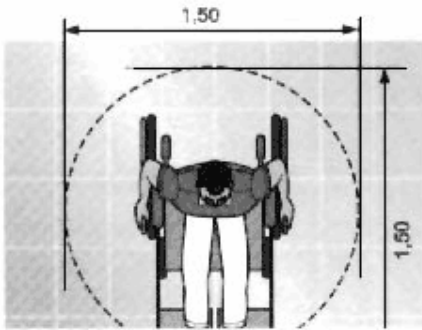
Dimensões - Devem assegurar faixa de circulação livre de barreiras ou obstáculos, de modo a permitir:

1.Deslocamento em linha reta. Larguras mínimas necessárias:



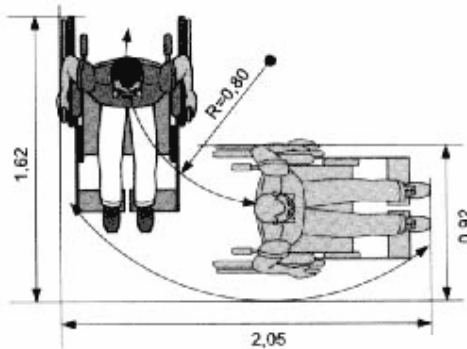
- 0,80 m para circulação de uma cadeira de rodas, pelas portas e obstáculos fixos;
- 1,20 m para circulação simultânea de uma pessoa e uma cadeira de rodas (figura ao lado);
- 1,50 m para circulação simultânea de duas cadeiras de rodas.

2.Manobra de rotação sem deslocamento. Áreas mínimas necessárias:



- 1,20 m por 1,20 m para rotação de 90°;
- 1,50m por 1,20m para rotação de 180°;
- um círculo de 1,50m de diâmetro para rotação de 360° (figura ao lado).

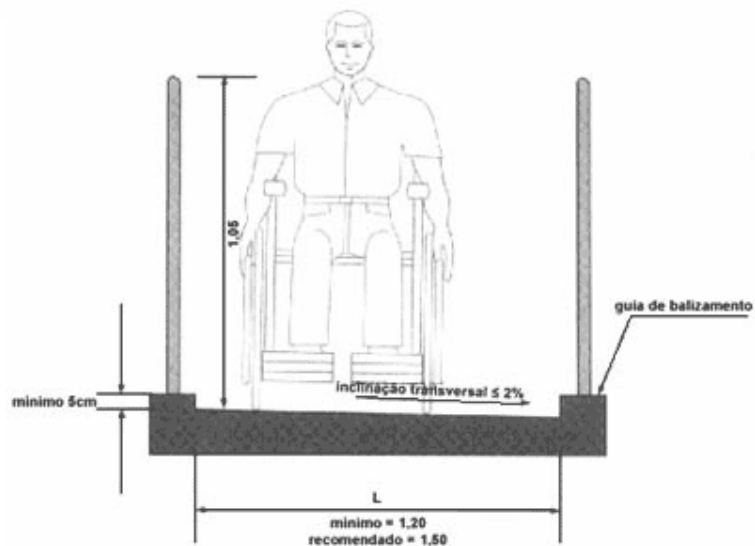
3.Manobra de rotação com deslocamento.

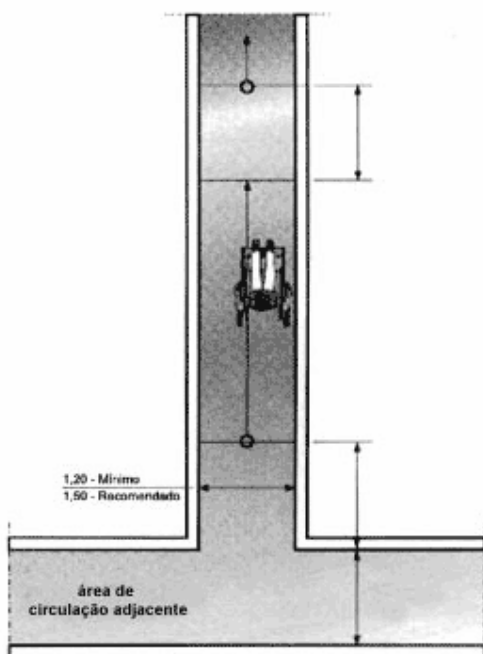


As medidas são definidas em função do raio necessário para efetuar a rotação. A figura ao lado indica a área ideal mínima necessária para permitir a passagem por um corredor cujo círculo da curvatura tenha 0,80m de raio.

Rampas

Inclinação – Devem ter inclinação transversal de no máximo 2% e largura mínima admissível de 1,20 m, sendo recomendável 1,50 m (figura ao lado)





- Patamares - Devem estar disponíveis no início e término da rampa (figura ao lado), com no mínimo 1,20 m na direção do movimento, além da área de circulação adjacente. Patamares externos com inclinação transversal máxima de 2%.

Portas

Devem ter vão livre de no mínimo 0,80 m (inclusive de elevadores); ausência de esforço superior a 35,61N para puxá-la ou empurrá-la; abertura em um único movimento; maçanetas tipo alavanca; revestimento resistente a impactos provocados por bengalas, muletas e cadeira de rodas (de sua parte inferior até uma altura mínima de 0,40 m).

4. Tours de treinamento da Marc-Apoio: comentários sobre a acessibilidade dos roteiros

Do período de dezembro de 2006 a maio de 2007, o autor dessa monografia, na condição de estudante do curso profissionalizante de guia de turismo da Marc-apoio, participou de oito tours-laboratório, sendo três deles na própria cidade do Rio de Janeiro e os outros cinco por dez cidades diferentes : Petrópolis, Paraty, Angra dos Reis, Niterói, Saquarema, Cabo Frio, Búzios, São Paulo, Campos do Jordão e Aparecida do Norte (somente a basílica de N. Sra. De Aparecida). As impressões e observações feitas sobre a acessibilidade dessas cidades estão descritas abaixo:

Petrópolis

O Hotel Quitandinha, após cruzar um curto, mas complicado trecho de paralelepípedos, oferece um acesso facilitado, com rampa na entrada e áreas planas em quase todos os locais de visitação. A sala do cassino só permite acesso por escadaria, assim como outros poucos setores, sendo necessário então a ajuda de terceiros, se o objetivo for nestes entrar. Os salões de chá e restaurante são amplos e permitem uma boa circulação de cadeira de rodas, os banheiros, apesar de não adaptados, permitem ao menos o ingresso de cadeirantes nele, mas a entrada na cabine sanitária não se faz possível.

No tour pela cidade, viu-se que as calçadas possuem um pavimento de possível acesso, tendo rampas em muitos cruzamentos, mas o fato de algumas ruas ainda disporem de pavimentação de paralelepípedos dificultou um pouco o trânsito normal de um cadeirante. A Catedral de São Pedro de Alcântara, com sua grande escadaria, não oferece nenhuma alternativa como rampa, tornando assim impossível o acesso. A casa

de Santos Dumont também, por razões um pouco mais lógicas (incluindo a arquitetura da época, o terreno e a estrutura da casa) não oferece nenhuma possibilidade de acesso. Os restaurantes ainda não dispõem de rampas de acesso e muito menos banheiros adaptados.

O Museu Imperial permite a entrada pela porta principal, contrariamente à entrada de grupos, que é feita pela lateral. A parte ruim é que cadeirantes e deficientes físicos não possuem nenhum tipo de gratuidade ou desconto. A circulação pelas salas é bastante possível, apesar do atrito do material do piso com a borracha dos pneus da cadeira de rodas proporcionar algum ruído característico, que conseqüentemente vai te acompanhar durante todo o percurso. Na casa anexa, da Ucharia, que possui um agradável café e um vagão de trem, a entrada possui uns três degraus, onde se faz necessário a ajuda de terceiros enquanto a administração não melhora o acesso.

Niterói e praias oceânicas

A Igreja de São Lourenço dos Índios permite, com certa boa vontade, o acesso a cadeirantes. O pavimento de paralelepípedos nas ruas e a falta de rampas da pista para o meio-fio podem atrapalhar o acesso, mas esse transtorno pode ser compensado pela adaptação de rampas feita para o acesso real da igreja, de arquitetura antiga. A parte ao lado da entrada frontal possui um degrau, mas um acompanhante pode facilitar o acesso dando apenas um empurrão de impulso.

A parada técnica do hipermercado Extra foi oportuna, mas esse local possui uma grave contradição operacional: a entrada possui um setor de rampa que conduz o cadeirante sem problemas à área plana do hipermercado, mas essa se encontra fechada de cadeado. Foi solicitado então, no momento da parada técnica por lá feita, que esta fosse aberta, mas durante os 30 minutos que lá o grupo de turistas permaneceu, o pedido foi sumariamente ignorado, uma vez que ao retornar ao ônibus, o mesmo setor permanecia fechado.

O caminho Niemeyer, assim como o Museu de Arte Contemporânea, são exemplos arquitetônicos não somente pela beleza, mas também pelo conceito pensando no cadeirante: dispõem de rampas em abundância, pois o arquiteto viu que esta, se bem planejada e localizada, realça ainda mais a beleza do local, em contraposição às convencionais e estreitas escadarias. No MAC, a rampa é uma saída boa, mas infelizmente, devido à altura e tamanho do percurso, este pode sair um pouco cansativo para quem não dispõe de tanta força no braço, sendo necessário então a ajuda de terceiros para acessar o setor das exposições. Talvez como recompensa a tanto esforço, os cadeirantes que à entrada do museu chegam, são contemplados com a entrada gratuita ao local, não importando o dia da visita (exceção é claro, às segundas-feiras, quando este não funciona). Dentro do museu todos os acessos são facilitados, dispoendo inclusive de elevadores para acesso ao segundo pavimento.

As únicas áreas que dispõem de banheiro adaptado na cidade de Niterói são no Plaza Shopping (banheiros adaptados em todos os pavimentos) e nos restaurantes da orla de São Francisco, conhecidos por Paludo Gourmet e À Mineira, que contam inclusive com rampas para acesso aos mesmos. Os outros restaurantes e chopperias da mesma região também possuem um acesso não tão difícil, com suas mesas na calçada ou apenas a um degrau de altura.

O Solar do Jambeiro dispõe de bom acesso pela porta lateral, sendo considerado então uma boa opção de passeio.

A subida do morro que divide Piratininga de Camboinhas é uma tarefa bastante compensadora, se por lá puder ser conduzido de carro. O acesso por propulsão própria é possível, mas o esforço que se faz é tamanho, que tal desafio requer, além de bastante força no braço, uma pessoa extra como apoio prático.

A orla de Camboinhas possui um acesso minimamente possível, com seus caminhos de terra batida e areia na altura do calçadão. O acesso das cadeiras para as mesas dos quiosques não é uma tarefa impossível, mas é importante cuidar para a cadeira não atolar na areia. Uma boa alternativa é tentar circular por cima da salsa de vegetação rasteira, que permite alguma mínima tração, principalmente se o cadeirante for hábil o suficiente para empinar a cadeira e projetá-la poucos centímetros a frente.

A parada técnica no Shopping Camboinhas Mall é uma boa opção, uma vez que este possui uma toaleta adaptado.

Squarema

A parte principal de Squarema, que é o centro onde há a praça principal e a Matriz de N.Sra. de Nazaré, é um lugar não tão bem receptivo a cadeirantes, uma s vez que o caminho que já é uma subida, ainda é constituído de paralelepípedos.

Cabo Frio

Apesar da rua de paralelepípedos, é bastante válido ter que passar cautelosamente pelas estreitas calçadas até a final da Praia do Forte, onde há o Forte São Mateus. O motivo é que, a região de terra batida que serve de acesso ao forte, é bastante acessível. O acesso de um cadeirante ao forte em si é de fato impossível, devido a um caminho de pedras em contato com o mar. Apesar de tudo isso, o passeio é considerado bastante válido, pois é um dos raros locais onde um cadeirante pode ficar o mais próximo possível da areia e do mar sem precisar sair da mesma ou fazer nenhuma manobra arriscada, o que proporciona um bem estar único à esses que na maioria dos casos não podem desfrutar desse privilégio público que é a praia. Para completar a alegria do turista cadeirante, se este seguir à esquerda, para a outra ponta de pedra, há dois mirantes cujo o acesso, apesar de ser numa subida, é um atrativo bastante acessível, uma vez que o deck de madeira é feito sem degraus, e mesmo uma área bastante estreita que leva para o segundo mirante, tem o acesso possível, uma vez tomada as cautelas de se ter um auxiliar a conduzi-lo.

O centro de Cabo Frio em geral possui um acesso bom, apesar de em algumas áreas a única alternativa ser subir o degrau do meio fio.

Búzios

Local que ainda não pensou tanto no acesso para cadeirantes, mas que assim mesmo pode ter muito a se desfrutar. As ruas internas, com calçadas de terra batida ou cimento simples, até que permitem bem o acesso, uma vez que motoristas inconseqüentes não estacionem seus veículos fechando-as, como em algumas vezes por lá presencieei.

A Rua das Pedras pode ter sua dificuldade na circulação ao cruzar a pista em si, mas suas calçadas com placas de pedras maiores chegam a permitir uma circulação até mesmo mais ágil que sobre pedras portuguesas. O grande problema mora na calçada

perto de alguns bares e restaurantes, que acabam usando esse recuo da rua para colocar mesas e cadeiras, em locais que já são estreitos, obrigando o cadeirante a ter que descer o meio fio, que não é dos mais baixos, e subir logo adiante. Tapumes de obras para reforma ou inauguração em breve de boutiques na mesma rua também foram um certo problema, pois, talvez para divulgar mais o futuro empreendimento, seus proprietários abusam do marketing agressivo avançando o canteiro de obras às estreitas calçadas, não permitindo acesso algum à esta. Como efeito para chamar atenção, esta alcança seu objetivo sim, porém regras de respeito a circulação de pedestres em geral (não somente cadeirantes) no passeio da cidade também poderiam ser consideradas.

A Orla Bardot é um capítulo a parte, pois sua pavimentação de grandes placas de pedra permitem um passeio gostoso e despreocupado com possíveis buracos e desníveis, isso sem falar no deck próximo a Rua das Pedras, que permite o cadeirante ir até uma distância bastante longa, avançando a linha da praia, com toda segurança.

Um dado extra a se considerar também foi a reação da população que naquela tarde frequentava o local, que foi bastante positiva, realmente estimulante para cadeirantes. A simpatia dos que lá estavam foi algo marcante que não encontrei similar nas outras viagens.

Angra dos Reis

A parada técnica foi num local bom de acesso (a Parada Bis, em Mangaratiba), sem degraus, nem mesmo na área do mirante, ao fundo da mesma. A Usina Nuclear de Angra, até que pôde ter pensado na acessibilidade, mas não o fez de forma correta, uma vez que a entrada para o setor de visitantes (onde explicam em vídeo e exposição permanente o funcionamento da usina) dispõe de uma rampa de acesso universal, porém no setor de convivência, onde servem café e dispõem de sanitários, o acesso é feito por uma escadaria. Ponto de maior incoerência mesmo foi no que se refere ao acesso dessa rampa, já que da pista para a calçada que dispunha a rampa, além de não haver rampa de mudança de nível, o meio fio é de proporções ainda maiores do que as convencionais.

A cidade de Angra dos Reis em geral possui um acesso possível, com rampas em algumas esquinas, e quando não as dispõem, o meio fio é baixo o suficiente para ser descido de costas com segurança. O acesso ao Convento São Bernardino de Sena se fez impossível, dado o fato da subida para a mesma ser através de uma ladeira de paralelepípedos e a entrada alternativa na outra extremidade ser feita por uma escadaria. Nos outros setores da cidade, o acesso é em geral facilitado, excetuando-se algumas vezes onde cruzamentos com ruas de paralelepípedos são a única alternativa. O convento e Igreja de Nossa Sra. Do Carmo também não permite acesso real, uma vez que, apesar de não se situar numa ladeira, o acesso só é feito por pequenos lances de escadas que dispõem-se ao redor.

Paraty

A rua principal, onde se localiza o comércio, possui um acesso um tanto que razoável. As calçadas em geral são estreitas (e muitas vezes com carros estacionados que invadem as mesmas...), tornando a alternativa mais fácil e prática, a circulação da cadeira de rodas pela margem da pista de rodagem. Restaurantes e o comércio em geral dispõem de um ou nenhum degrau em sua entrada. Há exceções evidentes, como

na única venda de aguardente na rua principal, que dispõe de três degraus, o que denota, para o turista cadeirante adquirir um dos produtos mais típicos da cidade, a necessidade de se pedir a ajuda de terceiros.

A centro histórico de Paraty é um capítulo a parte. Acredito que em pouquíssimos locais turísticos de nosso país podemos encontrar dificuldade semelhante ao acesso de cadeirantes como neste local. A irregularidade constante de suas ruas, mistas de pedra e terra batida (conhecida comumente de pavimentação pé-de-moleque), não somente impossibilitam o acesso de cadeiras de rodas em geral como o de qualquer outro turista que desavisadamente lá apareça com algum calçado inadequado, como os de salto. Ambular por esta área em uma cadeira de rodas se torna uma tarefa extremamente lenta e arriscada, sendo uma das poucas situações onde é mister a ajuda de duas pessoas para revezarem-se empurrando a mesma e a condução da cadeira com as duas rodas da frente empinadas (par agilizar minimamente o trajeto e evitar uma possível quebra) mesmo por regiões alagadiças, onde também se faz necessária algumas pausas. O local em si é muito belo, onde pode-se destacar a rua Fresca, mas para ser aproveitado turisticamente para cadeirantes, este poderia minimamente traçar uma via especial definida, sem descaracterizar assim o estilo bucólico e histórico do local. O saldo final desse trajeto foi muito cansaço, suor e lama não só nas mãos como também na roupa.

São Paulo

De longe, um dos sítios mais bem adaptados do Brasil. Não chega a ser como nas ruas de alguma cidade norte americana, mas em nível de Brasil é patente a preocupação de inclusão dos cadeirantes ao meio, figurando-se bem mais adaptada que o Rio de Janeiro. O circuito da parte histórica de São Paulo se mostra bem convidativo aos cadeirantes, uma vez que apenas na praça Ramos de Azevedo que foi necessária uma certa cautela, pois a rampa lateral de descida para o vale do Anhangabaú era composta de pedras pequenas. A subida da rua Boavista ou da av. São Bento pode ser um tanto trabalhosa, e uma ajuda é bastante bem-vinda. No Pátio do Colégio e sua correspondente praça, o local é plano, possui pequenas rampas quando se faz necessário, além de um belo panorama da cidade. De lá até o bairro da Liberdade, o caminho é tranqüilo. Destaque para a Catedral da Sé, que possui na lateral esquerda um acesso com rampas que é um fator real de inclusão. O bairro da Liberdade que é um ponto onde poderiam dar uma melhor atenção ao mobiliário urbano. Excetuando a natureza da rua Galvão Bueno, que é uma ladeira, os meio-fios são ligeiramente altos, o suficiente para ser necessária a ajuda de terceiros, que nem sempre se fazem tão solícitos quanto em outras cidades. Os estabelecimentos comerciais da região, em geral possuem quase que invariavelmente um único degrau que, apesar de único, é um tanto alto.

A parte aberta ao público do Instituto Butantã possui áreas amplas e ladeiras convidativas até mesmo para uma descida em maior velocidade. O serpentário permite a visão para cadeirantes, mas se fosse poucos centímetros mais baixo (ou em compensação houvesse um janela) seria ainda mais incluyente.

O Shopping Eldorado em geral tem uma boa estrutura, apesar do elevador não funcionar com tanta regularidade, e o banheiro adaptado possui uma incoerência bastante freqüente entre os banheiros do mesmo tipo: eles permitem o ingresso de uma cadeira de rodas, mas não permitem que a mesma se movimente dentro do local, não permitindo assim nem mesmo o fechamento de sua porta.

O Memorial da América Latina teoricamente tem uma acessibilidade muito boa, mas cruzar o viaduto em forma de arco que liga os dois setores, mesmo que não haja degraus, é uma tarefa impossível de ser feita sem um auxiliar que estiver bem disposto. Isso tudo sem contar com a descida que, se não for feita freando constantemente, pode resultar num acidente grave.

A Pinacoteca do Estado, além de seu acervo e sua arquitetura bem interessante, possui acessibilidade 100%. O acesso a cadeirantes é feito por um portão no subsolo que, para ser aberto, é necessário que alguém suba as escadas da entrada principal para ser então solicitado. Tirando este transtorno, o passeio pelo local é muito válido. Além do acervo, um fato interessante para cadeirantes está no fato de, para esses, a Pinacoteca dispõe de cadeiras de rodas motorizadas, que podem ser usadas livremente em suas dependências. O passeio é tão prático e agradável que a parte pior é a de deixar o local e, por conseguinte, a cadeira de rodas automática...

O MASP é um outro museu que respeita as leis de acessibilidade. Reformado há poucos anos, dispõe de rampas onde elas se fazem necessárias e elevador para todas as dependências do museu. Isso tudo sem contar em seu grande e importante acervo, e o lindo panorama da cidade que se vê na região de seu vão.

Campos do Jordão

A primeira parada na cidade, numa região que dispõe de um córrego e lojas de souvenir, apesar de inclinada e de terra batida com pedras, teve a acessibilidade respeitada, permitindo sem muito esforço que o turista cadeirante aprecie o local e entre em algumas vendas que dispõem, apesar de um pouco inclinadas, rampas de acesso.

O teleférico individual que funciona na cidade, apesar de ser constante (sempre em movimento), permite o acesso de cadeirantes, uma vez que este possui condições físicas mínimas de se equilibrar e se segurar independentemente enquanto sentado, ressaltando que a companhia dos teleféricos não se responsabiliza por transtornos decorridos do uso por pessoas que não possuem todas suas faculdades motoras.

A região da Vila Capivari possui um acesso que se não é adaptado, é minimamente possível de acessar com uma certa cautela e esforço. Calçadas de terra batida e ladeiras pouco íngremes compõem o trecho a ser percorrido. Algumas calçadas da área urbanizada possuem umas pequenas lajotas que requerem cautela na hora de percorrê-las, mas dispõem de rampas e em geral são bem feitas. O shopping ao ar livre Aspen Mall tem um piso de pedra que não permite andar tão depressa, mas não causa muitos transtornos. A administração do local está construindo banheiros adaptados, reconhecendo assim o potencial que esse nicho de mercado (dos cadeirantes) está tendo na área de turismo. No térreo eles dispõem de banheiros, mas a cadeira de rodas nem passa na porta. Passando por um pátio interno nesse mesmo shopping, chega-se a um elevador e de lá, no segundo pavimento, encontramos um toailete em que a cadeira de rodas entra. A mesma não consegue entrar em nenhuma das duas cabines do sanitário, mas, não estando esse vazio, pode-se nessa “área comum do banheiro” resolver seus problemas sem tantos transtornos, apesar de não ser tão ampla. Isso tudo sem contar com o fato de que na ocasião que foi feito o estudo, o elevador do shopping estava “meio quebrado” e por isso na volta, o mesmo levou alguns minutos até suas portas abrirem de novo no térreo...

O comércio em geral possui um degrau de entrada, e quase sem exceção esses são altos. Muitos restaurantes dispõem suas mesas na calçada, permitindo assim o acesso universal. Outros dispõem de uma rampa na parte lateral de suas dependências.

Aparecida do Norte

Do estacionamento à Catedral o terreno é liso e bem levemente inclinado, proporcionando um caminho tranqüilo até lá. Na entrada dos romeiros para ver a santa padroeira, há rampas diretas que conduzem a uma espécie de curral, onde as pessoas percorrem em fila indiana o trajeto. O aconselhável é, ao entrar no setor de currais, o cadeirante selecionar o mais à esquerda, perto da parede onde há a santa, pois no curral central, de onde se vê melhor a santa, os pilares que demarcam a separação afunilam o caminho de forma que a cadeira não passa, tendo então que, se tiver o infortúnio de se encontrar nesta “raia”, passar por baixo, transferindo-se para a mais próxima a parede. Um desconforto que eventualmente pode ocorrer é que, justo nessa área, muitos romeiros se ajoelham orando para a santa e simplesmente ignoram a presença de outros que queiram passar. Faz-se então necessário rogar a atenção dessas pessoas até então perceberem que estão congestionando o caminho e, por conseguinte, elas liberarem o caminho para a cadeira de rodas passar....

O resto do caminho é feito sem problemas, sob um piso plano e, na parte direita (da frente e de trás da Catedral) foram construídas recentemente rampas de acesso. A parte das lojas de souvenir também dispõe de rampas e no retorno para o estacionamento ocorre uma suave e longa descida, podendo mesmo seguir boa parte do percurso sem dispor de força motriz (mais comumente chamado de descida “na banguela”).

5. Entrevista com cadeirantes sobre o turismo adaptado

No mês de abril de 2007 foi feita uma entrevista com dois usuários de cadeira de rodas. Um deles, Jonas Aranha, tem 40 anos e usa cadeira de rodas há 17 anos devido à paraplegia. Nascido no Rio de Janeiro, atualmente mora em Goiânia e, com incentivo do governo local, é atleta paraolímpico, praticante de basquetebol em cadeira de rodas. A outra entrevistada é Dirce Magalhães, tem 78 anos e devido a poliomielite se locomove de cadeira de rodas desde 1950, o que não a limitou de ter uma vida ativa, ter filhos (2 antes e mais 2 após o ocorrido) e agora já é avó. Morou por muitos anos nos Estados Unidos e atualmente está no Rio de Janeiro. Já trabalhou como funcionária do governo, em campanhas de vacinação.

Dentre as repostas que eles deram, destaque para:

Dirce Magalhães

1) Com quanto tempo, depois que passou a andar de cadeira de rodas, você passou a fazer viagens?

Com 2 meses depois da pólio eu já fiz minha primeira viagem.

2) Você viajava sozinha ou com acompanhante? Se acompanhada, como que esta pessoa te ajudava?

Eu viajava acompanhada de meu marido. Ele me carregava no colo sempre que tinha um obstáculo e “quebrava qualquer galho”.

3) Quais os lugares mais distantes pra onde viajou de cadeira de rodas?

Fui para os Estados Unidos e Europa. Nunca tive nenhuma preocupação grande com o destino da viagem. Hoje, porém, por estar com os braços fracos, já me preocupo. Não viajo há muitos anos, mas pretendo fazer em breve um cruzeiro marítimo.

4) Na sua concepção, o que uma pessoa cadeirante nunca pode esquecer quando vai sair de viagem?

Na minha concepção, acredito que seja a “comadre”.*

5) Qual dica você daria pra quem anda de cadeira de rodas, nunca viajou, mas pretende começar a considerar essa idéia?

Não faça dessa viagem um “bicho de sete cabeças”, apenas programe-se. Como já disse, devo fazer um cruzeiro marítimo muito em breve e será o que tiver que ser.

6) Dentre todas as cidades que viajou, qual você considera a mais adaptada, e qual a mais complicada para quem usa cadeira de rodas?

Em qualquer cidade norte-americana o acesso é tranqüilo, já na Europa (talvez por ser o Velho Continente) é bem mais complicado por haver degraus por todos os lados.

Jonas Aranha

1) Com quanto tempo, depois que passou a andar de cadeira de rodas, você passou a fazer viagens?

Desde que iniciei no esporte paraolímpico.

2) Qual a frequência das suas viagens?

Viajo regularmente. Dependendo dos torneios em que participo, dá aproximadamente uma média de 5 viagens ao ano.

3) Quais são as primeiras coisas que você se preocupa em saber de uma localidade pra decidir se vai mesmo pra lá?

Procuro saber sobre transporte e acessibilidade na rede hoteleira.

4) Quando viaja, se preocupa em saber de alguma loja de manutenção ou reparos de cadeira de rodas nesse tal destino?

Não, pois eu mesmo faço e levo comigo o material de emergência e manutenção da minha cadeira.

* = Segundo o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa,
 “Comadre : (Derivação: por extensão de sentido. Uso: informal, pejorativo.)
 urinol achatado usado por pessoas que não podem levantar da cama.”

5)Na sua concepção, o que uma pessoa cadeirante nunca pode esquecer quando vai sair de viagem?

Não pode esquecer da câmara de ar (para os pneus da cadeira de rodas). Também não pode esquecer de levar consigo a vontade de se divertir e curtir muito a viagem.

6)Você chega a ter alguma vantagem ou desconto quando faz alguma viagem? (ex: desconto em passagens, estadias ou atrações e passeios turísticos, etc...)

Em passagens de ônibus, sim, mas no restante não muito. Pelo contrário, parece tudo mais caro pra nós.

7)Como que você descobre os hotéis e pousadas que dispõem de acomodações adaptadas? Essas instalações têm algum preço diferenciado?

Descubro através da informação de amigos, e o custo é sempre elevado em relação ao habitual.

8)Qual a maior dificuldade que você já passou viajando?

Nos hotéis, a dimensão das portas, tanto do quarto quanto do banheiro, são sempre estreitas.

9)Já chegou a ter alguma queda ou algum problema proveniente de sua cadeira de rodas (como a quebra de alguma peça) durante uma viagem?

Tive sim, mas contornei e curti muito minha estadia no local.

10)Dentre todas as cidades que viajou, qual você considera a mais adaptada, e qual a mais complicada para quem usa cadeira de rodas?

Curitiba é a mais acessível pra nós cadeirantes, e uma das mais complicadas é Goiânia... e o próprio Rio de Janeiro, pois se você ficar fora do “eixo-corredor” do Metrô, você não vê nem curte nada, a não ser no entorno de onde está.

11)Dentre esses destinos que você já foi, tem notícia de alguma agência de aluguel de automóveis que dispunha de algum veículo adaptado para aluguel?

Que eu tenha notícia, em São Paulo e Goiânia há agências com veículos adaptados.

6. Roteiro turístico para cadeirantes no centro do Rio de Janeiro

Em dezembro de 2006, o então vice-prefeito da cidade do Rio de Janeiro, atual deputado federal, Otávio Leite havia solicitado ao autor deste estudo a elaboração de três roteiros turísticos que pudessem ser feitos no Rio de Janeiro de cadeira de rodas sem a necessidade de gastar muito dinheiro com transporte ou ingresso, para ser então oferecido aos atletas que vierem competir nos jogos Para-panamericanos em julho de 2007. Considerando que o ingresso de deficientes físicos e seu acompanhante nos transportes públicos é gratuito e em muitos atrativos da cidade estes tem o direito da meia-entrada, se esta já não for gratuita, foram elaborados os seguintes roteiros:

1- Centro Histórico

- Pontos de interesse:
 - Praça XV
 - Palácio Tiradentes
 - Paço Imperial
 - Estação das barcas
 - Igreja do Carmo
 - Arco do Teles
 - Corredor Cultural (Centro Cultural dos Correios,
Casa França-Brasil,
Centro Cultural Banco do Brasil)
 - Igreja da Candelária
- Caminho Possível:
 - Saltando na estação de Metrô da Carioca, dirigir-se à calçada da Av.Rio Branco, seguindo para sua esquerda até a Rua da Assembléia;
 - Após atravessar o sinal, se dirigir à calçada da direita, que há rampas em todos os cruzamentos, até o final da rua, chegando assim ao Palácio Tiradentes. Podendo a partir daí seguir para os outros pontos do interesse, como Paço Imperial, Estação das Barcas e Igreja do Carmo;
 - Para acessar o Arco do Teles, subir de volta à av. 1º de Março, cruzando assim a rua pela rampa e voltando à altura dos arcos. Cruza-se os arcos, e seguindo o caminho logo a frente, chega-se à parte de trás do CCBB, a parte da frente do Centro Cultural dos Correios e logo a frente a Casa França-Brasil. O Acesso da Casa França-Brasil é feito pela lateral direita do prédio, sendo necessário pedir para alguém subir e avisar a pessoa responsável para abrir o portão. A entrada do CCBB é feita pela face que beira a av.Presidente Vargas;
 - O acesso para a Igreja da Candelária é feito Cruzando sinal na altura da praça da Candelária e atravessando o cruzamento seguinte;

-Para o retorno é aconselhável seguir a av.Rio Branco até a estação de Metrô Carioca.

- Comentários sobre o percurso (adaptações sugeridas)

-seria bom se em frente do Arco do Teles fosse construído um acesso de rampas, evitando assim do cadeirante ter que ir até a esquina da rua Primeiro de Março para então cruzar e por fim retornar à área dos Arcos.

-ajudaria e muito se nos caminhos de paralelepípedos fosse cimentado o intervalo entre eles, evitando assim caminhos tão irregulares a ponto de danificar as rodas da frente das cadeiras de rodas, isso se o referido sulco não acabar por projetar ao chão o próprio cadeirante.

-O Centro Cultural dos Correios dispõe de acesso com rampas, porém para se chegar a esse é necessário descer a rua até entrada dos fundos. O problema se configura no fato de o pavimento da rua ser de paralelepípedos, levando assim o cadeirante a utilizar a calçada como caminho, mas a 10 metros do portão de entrada lateral existe um poste na calçada que simplesmente impossibilita a passagem, obrigando o cadeirante a descer para a rua de paralelepípedos para seguir adiante. Não parecendo suficiente, passando o portão de entrada, o acesso à rampa é feito por um caminho completamente irregular feito por paralelepípedos e outras chapas de pedra, um tanto distante da própria entrada.

- no canteiro central da praça da Candelária, há rampas para entrar, mas não há rampa para descer em frente ao acesso da igreja, obrigado assim o cadeirante a descer e beirar a pista de carros para então atravessar a rua.

-o caminho de retorno para a av.Rio Branco não dispõe de rampas,alem de um trecho de rua ser de paralelepípedos.

2- Cinelândia e Aterro do Flamengo

- Pontos de interesse:

- Centro Cultural da Justiça Federal

- Biblioteca Nacional

- Museu Nacional de Belas Artes

- Teatro Municipal

- Câmara dos Vereadores

- Restaurante Amarelinho

- Praça Mahatma Ghandi (passeio público)

- Aterro do Flamengo (Museu de Arte Moderna e Monumento aos mortos na Segunda Guerra Mundial)

- Caminho Possível

-Salta na estação do Metrô Cinelândia (face para a rua Pedro Lessa) e se dirige à sua direita. A entrada adaptada do Centro Cultural da Justiça Federal é feito no portão ao lado esquerdo da entrada principal. O Centro Cultural da Justiça Federal dispõe de banheiros adaptados no 2º. Piso. Seu funcionamento é de 3ª a domingo, de 12 às 19hs. Entrada gratuita (para exposições);

-Saindo pela mesma porta, desce a rua Pedro Lessa até a Rua México, onde mais adiante fica a entrada adaptada da Biblioteca Nacional. A Biblioteca Nacional dispõe de banheiros adaptados em todos os pisos. Seu funcionamento é de 2ª a 6ª de 9 às 20hs e aos sábados de 9 às 15hs. Visitas guiadas todos os dias às 11 e 15 horas;

-Saindo da Biblioteca Nacional e seguindo adiante, volta pela rua Araújo Porto Alegre até a altura da av. Rio Branco, onde na esquina há uma rampa para cruzar ao outro lado, seguindo assim adiante a avenida até a entrada principal do Museu Nacional de Belas Artes, onde eles colocam rampas móveis na entrada, facilitando assim o acesso. O museu também dispõe de banheiro adaptado, seu funcionamento é de 3ª a 6ª de 10 às 18hs e o ingresso custa R\$4,00 (grátis às 5as feiras);

-Saindo do MNBA, retorna-se à esquina da av. Rio Branco com Araújo Porto Alegre e cruza em direção do Teatro Municipal. Passa pela frente do Teatro, dobrando à direita e seguindo pela rua Treze de Maio à parte de trás do Teatro, onde disponibilizam rampas móveis para o acesso, porém o horário de visitação é somente das 16 às 17hs e não há banheiros adaptados;

-Saindo do Teatro Municipal, retorna-se pelo caminho percorrido, seguindo pela rua Treze de Maio e cruzando mais a frente para a outra calçada, onde há rampas no cruzamento. Segue à frente da Câmara dos Vereadores e dobra-se à direita, em direção do portão lateral, onde há visitas guiadas de 2ª a 6ª das 9 às 18h. Não há banheiros adaptados;

-Saindo da Câmara dos Vereadores, volta à Praça da Cinelândia e vai para o lado que beira a av. Rio Branco, por questões de pavimentação. Segue até a esquina com a rua Santa Luzia, chegando assim na Praça Mahatma Gandhi;

-Saindo da praça, por questão de segurança das rampas, retorna para a esquina da av.Rio Branco com Santa Luzia e cruza de volta para a Cinelândia, e cruzando dessa vez para o outro lado da av.Rio Branco e depois para o outro lado da rua Santa Luzia, beirando ainda a calçada da av. Rio Branco até a esquina com a Rua Presidente Wilson, seguindo então essa até o cruzamento com a rua Quatro de Julho, seguindo por essa à esquerda e cruzando na altura da av.Beira Mar para o outro lado. A partir desse trecho faltam rampas de acesso, sendo seguindo pelo asfalto a única forma de acessar a rampa que dá acesso ao parque do Aterro do Flamengo.

- Comentários sobre o percurso (adaptações sugeridas)

-a estação de Metrô da Cinelândia, apesar de dispor de escadas rolantes, tem uma plataforma com um degrau alto na saída pra rua, sendo necessário então a solicitação de ajuda não somente na ida como na volta. Seria bom a construção de uma rampa, dando assim mais independência ao cadeirante;

-a volta que deve que ser dada na Cinelândia foi justo devido a uma área de paralelepípedos, tornando proibitivo o acesso e sendo necessário dar uma grande volta se quiser parar no restaurante Amarelinho;

-destaco também uma iminente insegurança na praça da Cinelândia, pois fui brevemente abordado por uma pessoa de perfil suspeito, enxergando em mim uma vítima fácil:

-apesar de na praça do Passeio Público haver rampas na altura da saída da garagem, estas são bastante inclinadas, tornando-se assim perigosas para a descida de cadeirantes. Um projeto melhor, diminuindo a angulação das mesmas, resolveria o caso:

- o acesso para o Aterro poderia ser feito mais facilmente, sem ter que andar até a rua Quatro de Julho, porem tal caminho teve que ser incluído pois o caminho reto, apesar de ter rampas dos dois lados, possuem problemas sérios, pelo fato de uma das rampas estar alagada com uma água de chuva retida há muito tempo (resultando numa água escura) e a outra quebrada, com algumas pedras portuguesas arrancadas da parte inferior. Reformas nas rampas e otimização do caminho são obras necessárias.

3- Niterói

- Pontos de interesse:

- Plaza Shopping
- Museu de Arte Contemporânea
- Praias de Niterói
- Estação de Catamarãs

- Caminho Possível

-Saltando na estação de Metrô da Carioca, dirigir-se se à calçada da Av.Rio Branco, seguindo para sua esquerda até a Rua da Assembléia. Após atravessar o sinal, se dirigir à calçada da direita, que há rampas em todos os cruzamentos, até o final da rua, chegando assim ao Palácio Tiradentes.

-Continuar seguindo a caminho entra o Palácio Tiradentes e o Paço Imperial(é uma pista que não passa carros), onde haverá uma subida pra a calçada, levando assim, se seguir reto, à estação das barcas ou aerobarcos. Para barcas, entrar pelo grande portão de saída de passageiros, à direita dos guichês de passagens. Para aerobarcos a entrada se faz num portão mais à esquerda dos guichês.

-Vale ressaltar que tanto em barcas quanto aerobarcos o cadeirante tem direito a gratuidade dele e de mais um acompanhante. Aerobarcos trabalham em dias e horários limitados (somente em dias úteis e num horário pouco além do comercial), e já as barcas mantêm intervalos regulares todos os dias. Sobre qual embarcação decidir, os aerobarcos são bem mais rápidos, porém pouco se aproveita da vista. As barcas mais antigas, por serem mais abertas, permitem uma apreciação melhor da vista. As mais modernas, apesar de serem mais fechadas (o que não permite uma visão tão privilegiada), são bem mais rápidos que o as outras (10 minutos, contra 20 da barca normal);

-Já em Niterói, na área da estação das barcas (no centro), dirigindo-se à beira da pista pode se tomar um táxi direto para o Museu de Arte Contemporânea (média de 8 Reais), ou seguir mais duas quadras e passar no Plaza Shopping, que dispõe de acesso facilitado na rua lateral, banheiros adaptados em todos pavimentos e restaurantes variados, se o objetivo for comer algo.

-Chegando no MAC, há uma vaga para carros com deficiente bem em frente a entrada, facilitando assim o desembarque. Para chegar a área do museu é necessário

subir uma rampa que é um tanto longa, sendo necessária alguma ajuda. A compensação do esforço está no fato da entrada ser gratuita e disporem de elevadores para os outros 2 pavimentos superiores;

-Saindo do MAC a indicação de uma aprazível descida até a praia de Icaraí é suprimida pela presença de um pavimento quebrado em uma área bem estreita desse caminho. Fica necessário então solicitar outro táxi levando-o para a praia de São Francisco ou Charitas (média de 15 Reais), com objetivo de dar algum passeio na orla ou comer em alguns dos restaurantes da mesma;

-Dentre os restaurantes com acesso facilitado e banheiro 100% adaptado, sugiro o Paludo Gourmet (Av. Quintino Bocaiúva 251), de comida internacional e o À Mineira (Av. Quintino Bocaiúva 353) de comida mineira e brasileira em geral. Havendo necessidade apenas de ir a algum banheiro semi-público, sugiro o toailete de um pequeno shopping/galeria numa transversal da Av. Quintino Bocaiúva (a rua da praia) perto do restaurante Á Mineira chamado Lido Business, que fica na avenida Rui Barbosa 29 e fica aberto de 6 às 23 horas;

-estando em São Francisco, opta-se em tomar mais um táxi para a estação de aerobarco de Charitas (cuja última embarcação sai às 19 e 30) ou retornar à estação do centro, que dispõe de embarcações toda hora;

-tomando a barca ou aerobarco para o Rio de Janeiro, segue o mesmo trecho da rua da Assembléia até a av. Rio Branco e desta para a estação de Metrô Carioca.

7. Conclusão

A cidade do Rio de Janeiro, que naturalmente já possui um potencial grandioso para o turismo, pode naturalmente se transformar num grande pólo de atração de turistas cadeirantes de todo mundo, sendo necessário apenas o interesse do governo e iniciativa privada de adaptar suas dependências e mobiliário físico de modo a permitir não somente o ingresso com a permanência desses, com a construção de rampas de acesso e banheiros adaptados. Os dados já mencionados provam que essa comunidade possui potencial de consumo de produtos turísticos e também muita vontade por adquirir tais produtos, mas na maioria das vezes caem no ciclo vicioso de não saírem de casa porque os locais não são adaptados e os responsáveis por esses locais não o adaptam porque o público a quem interessa tais adaptações não o frequenta.

Vale também ressaltar que a adaptação do mobiliário urbano com rampas e outros elementos de inclusão não são benefícios exclusivos para os PPD's, mas se estendem aos idosos, que se constitui num mercado consumidor reconhecidamente

bastante importante para o setor turístico, já amplamente explorado no exterior, e também às mães de crianças com pouca idade, que ainda precisam ser conduzidas em carrinhos de bebê.

Por tudo isso, faz-se necessário, até com certa urgência, a adaptação de todos os locais de interesse do Turismo.

8. Fontes

- 1-“Retratos da Deficiência no Brasil” – Marcelo Néri . Ed. Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro
- 2- Acessibilidade: Normas - IBDD (Instituto Brasileiro dos Direitos da Pessoa com Deficiência), www.ibdd.org.br
- 3- IBGE, Censo Demográfico 2000, através do Banco Multidimensional de Estatísticas www.bme.ibge.gov.br
- 4- SICORDE (Sistema de Informações da Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência), www.mj.gov.br/sedh/ct/corde/dpdh/sicorde/
- 5- Dirce Magalhães e Jonas Aranha (entrevistas pessoais)
- 6- Neumann, Peter - “Case Study: Economic Advantages of Accessible Tourism in Germany” , Neumann Consult, Alemanha
- 7-Buhalis, Dimitrios e Victoria Eichhorn -“Market Analysis and Commercialisation of the OSSATE e-Service” - University of Surrey, School of Management, Reino Unido
- 8-Zografopoulos, Kostas - “OSSATE Market Analysis and Commercialisation” – OSSATE (One-Stop-Shop for the Accessibility of the Tourist in Europe), Kostas Z. Foundation (Grécia) e Open Doors Organization, EUA.
- 9- ENAT - European Network for Accessible Tourism - www.accessibletourism.org
- 10- Houaiss, Antonio – Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa versão 1.0 (2001) ed.Objetiva
- 11- Wikipedia – www.wikipedia.org

9.Créditos

Aluno: Antonio Bordallo
Turma: 611 - manhã
Professor Orientador: Jorge Mitidieri

Elaborado entre dezembro de 2006 a maio de 2007.